

ADÉLIA MARIA WOELLNER:
LITERATURA E INTERSECÇÕES TEMÁTICAS

Dr.^a Lourdes Kaminski Alves

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Campus Cascavel, Paraná, Brasil
(lourdeskaminski@gmail.com)

Resumo: A trajetória literária percorrida por Adélia Maria Woellner no que se refere aos modos do fazer poético, a intersecção temática com fenômenos sociais e cotidianos presentes nas discussões contemporâneas sobre, ética, estética, formação humana e o meio ambiente merece especial atenção. Além de sua vasta obra dirigida ao “público adulto”, a autora tem dedicado parte de sua produção literária para tratar das relações entre a arte e a imaginação criadora no período da infância. A obra adeliana nos leva a indagar de quais palavras ou metáforas se valerá a literatura para fazer pensar sobre o mundo presente? Quais diálogos são sugeridos pela palavra literária em um texto?

Palavras-chave: Adélia Maria Woellner. Imaginário. Formação humana.

Artigo recebido 02 jun. 2016.
Aceito 29 jun. 2016.

ALVES, Lourdes Kaminski. Adélia Maria Woellner: literatura e intersecções temáticas. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 1 (2016), p. 245-266.
Data de edição: 31 jul. 2016.

ADÉLIA MARIA WOELLNER: LITERATURE AND THEMATIC INTERSECTIONS

Abstract: Adelia Maria Woellner 's literary trajectory as regards the writing of poetry, the thematic intersection with social and everyday phenomena present in contemporary discussions about ethics, aesthetics, human development and the environment deserves special attention. Adelia's work makes us question how literature will make use of words or metaphors to think about this world? What dialogues are suggested by the literary word in a text? Considering these issues, we believe that fiction reading has great importance in the reader's initial training, without forgetting the playfulness and the symbolic value that can lead to reflection on the events of the reader's social and cultural context.

Keywords: Adelia Maria Woellner. Imaginary. Human development.

Introdução

Minhocas arejam a terra, Poetas, a linguagem.
(Manuel de Barros)

Começamos, então, a falar da palavra arejada pela poesia, entendendo que o ofício de arejar palavras remete ao ato delicado de descobrir imagens, retirar camadas, iluminar o que ainda pode estar obscurecido pela “naturalização” das formas e do tempo. Perguntar o que se esconde na crise de nossos sentidos, o que se perde quando passamos a achar que determinadas atitudes do nosso cotidiano nos

parecem naturais. Neste sentido, João Francisco Duarte Júnior em seu livro *O sentido dos sentidos – educação (do) sensível* discute a chamada crise da modernidade e as relações com a educação e a arte. Para este autor

A crise que ora acomete o nosso estilo moderno de viver precisa ser vista como diretamente vinculada a uma maneira de se compreender o mundo e de sobre ele agir, maneira que se veio identificando como tributária dessa forma específica de atuação da razão humana: a forma instrumental, calculante, tecnicista, de se pensar o real. Se há uma crise esta deve ser primordialmente debitada àquele modelo de conhecimento que originário das esferas científicas (nas quais, deixe-se claro, ele cumpre o seu papel), com rapidez se espalhou por todos os interstícios de nossa vida diária, respaldando a economia, a produção industrial e mesmo a educação e a maioria de nossos atos cotidianos. Tal conhecimento, tendo (epistemologicamente) negado desde os seus primórdios o acesso sensível do ser humano ao mundo, veio, num crescendo, desumanizando o nosso planeta e as nossas relações sociais ao generalizar-se de modo indiscriminado. [...] A hipótese consiste em se identificar a crise da modernidade com a crise desse tipo de conhecimento que a engendrou e a ela deu sustentação, em detrimento de outros tipos de saberes, em especial o saber sensível. (DUARTE Jr, 2004, p. 68)

A denominada “crise da modernidade” estaria identificada com a crise de um tipo de conhecimento pautado em uma visão positivista de mundo que já não daria conta em responder à emergência de uma nova ordem social e suas complexas relações com o espaço e com o tempo a demandar por novos saberes.

A obra da escritora paranaense Adélia Maria Woellner contempla um pensamento dialético, revelador da autoconsciência inscrita no ato criativo, ao mostrar que a complexidade da escrita é um ato de intransigência frente à simplificação escondida nos ideais de clareza e fluência desejados pelos manuais didáticos. Sua escrita

descobre a poesia da aparente simplicidade que pode levar o pensamento para além da imediatez da apreensão plana das imagens, tal como reflete Compagnon (2009, p. 52): “a literatura é um exercício de pensamento, a literatura é uma experimentação dos possíveis”.

Adélia Maria é bastante conhecida por sua vasta obra poética entre seus leitores, seja entre o meio acadêmico, seja entre o público em geral. Autora de renome nacional e internacional tem recebido diversos prêmios no país e no exterior. Pertence à Academia Paranaense de Letras (Cadeira n. 15) e integra diversas outras entidades lítero-culturais do Paraná e do Brasil. No exterior é membro de *The International Academy of Letters of England* – Grafton Road, London, England; Acadêmica Benemerita – *Ad Honorem* do Centro Cultural, Literário e Artístico da Gazeta de Felgueiras, Portugal. Autora de *Balada do amor que se foi* (1963); *Nhanduti* (1964); *Poesia trilogica* (1972); *Encontro maior* (1982); *Avesso meu...* (1990); *Poemas soltos* (1992); *Infinito em mim* (1997). Este lançado em 2000, com publicação bilíngue em Inglês (*Infinite in Me*), Italiano (*L'Infinito in Me...*), Espanhol (*Infinito en Mí...*), Francês (*Infini en Moi ...*) e Alemão (*Unendlichkeit in Mir...*) e em Braile, pelo Centro de Informática para Deficientes Visuais “Prof. Hermann Görden”; *L'infinito in me* (1999), edição de Edizioni ETS-Pisa, Itália. Publicou ainda *Nhanduti – sempre poesia*, CD com 52 poemas (1999); *Sons do silêncio* (2004), entre outros. Autora do livro *A literatura e a história do Paraná* (1999); *Para onde vão as andorinhas...* – as famílias Woellner, Andretta, Joslin e Valle, no Paraná (2002); ensaio: *Graciette Salmon – A ciranda da estrela sozinha* (1999); *Luzes no espelho* (2002); *Travessias... do inconsciente ao consciente* (2007); *Os anjos cuidam de nós* (2008) e o livro de crônicas *Loucura lúcida* (2009). Esta é uma síntese da vasta publicação da autora extraída do livro *Tempo de escolhas* (2013) que acompanha também a edição dos poemas em CD.

Dos estudos acadêmicos realizados a partir da obra poética da autora citam-se: *Tempo e memória na lírica de Adélia Maria Woellner*,

dissertação de mestrado defendida em 2006, por Clarice Braatz Schmidt Neukirchen, adaptada e publicada em 2011, pelo Instituto da Memória e a pesquisa de pós-doutorado *Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: Cenas Paranaenses*, desenvolvida por Níncia Cecília Ribas Teixeira em 2007.

O conjunto da obra escrita para o público infanto-juvenil, por Adélia Maria Woellner, merece igual atenção, a exemplo das obras *Férias no sítio* (2002), com ilustrações de Raphael Furtado Casagrande. O livro teve em 2009 sua 2ª edição, com ilustrações de Theo Cordeiro, publicado pela Editora Aymarã. Em 2007, Adélia publicou *A menina que morava no arco-íris*, com ilustrações de Heliana Grudzien, obra que teve em 2010, sua 2ª edição publicada pela Base Editora. Em 2009, publicou *A menina do vestido de fitas*, ilustrado por Heliana Grudzien. Ainda em 2009, publicou *A água que mudou de nome*, com ilustrações de Heliana Grudzien, livro que no mesmo ano de publicação chegou à sua 2ª edição e em 2013 atingiu sua 5ª edição. Em 2011, a autora publicou *Festa na cozinha – bom apetite*, com ilustrações de Heliana Grudzien.

Em 2012, a autora surpreendeu seus leitores com a *Coleção tagarela*. A coleção contempla cinco histórias publicadas em livros individuais que se apresentam aos leitores dentro de um belo envelope, também com ilustrações de Heliana Grudzien. Ainda em 2012, Adélia Maria Woellner publicou *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa*, com ilustrações de Kitty Harvill¹. As produções têm um excelente projeto de ilustração, com destaque para Heliana

¹ Kitty Harvill, ilustradora do livro *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa* é especialista em arte da vida silvestre, especialmente, sobre espécies em extinção, trabalha com aquarela, pastel, óleo e papel cortado/colagens. É internacionalmente reconhecida pelos artistas plásticos que se dedicam à pintura de aves. Kitty tem dupla residência, nos EUA e no Brasil, país onde está ativamente envolvida em atividades de conservação e preservação da natureza.

Grudzien² que ilustrou quase todos os livros infanto-juvenis, de Adélia Maria Woellner.

A obra da autora paranaense tem o poder de convocar diversos parceiros no intuito de chegar aos leitores, seu objeto fim, a exemplo da história do livro *A menina que morava no arco-íris* que foi adaptada, por Gil Gabriel, para teatro de bonecos criado e apresentado por Almazem Teatro de Bonecos³, em 2010, com sucesso de público em diversas cidades do Brasil.

Adélia e a relação entre a arte e a imaginação criadora do período da infância

O fio condutor e ao mesmo tempo delimitador deste estudo centrar-se-á na produção literária infanto-juvenil de Adélia Maria Woellner. A trajetória literária percorrida pela autora, modos do fazer poético, a intersecção temática com fenômenos sociais e cotidianos presentes nas discussões contemporâneas sobre ética, estética, formação humana e o meio ambiente.

Do conjunto da obra escrita para o público mirim, selecionamos os livros *A menina que morava no arco-íris* (2007), *A menina do vestido de fitas* (2009), *A água que mudou de nome* (2009), *Festa na cozinha – bom apetite* (2011) e *Vida livre: A história do*

² Heliana Grudzien é paranaense, graduada em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e pós-graduada em Artes Gráficas, pela Academia de Belas Artes de Varsóvia, Polônia. É autora e ilustradora de livros infanto-juvenis com temas voltados à natureza e à defesa da ecologia.

³ Gil Gabriel é o criador e diretor do Grupo Almazem Teatro de Bonecos, fundado em 2002, a fim de conseguir renovação plástica, pesquisa e aprofundamento da arte de teatro de bonecos. O grupo contou com espetáculos conhecidos como "O cirandeiro", Prêmio Galha Azul (maior premiação do teatro paranaense) nas categorias Melhor Espetáculo Infantil e Melhor Ator e também indicado para o Melhor Texto, em 2005. O Almazem traz ainda em seu currículo as peças "Os bichos", "Palhaço e o nariz" e "A menina que morava no arco-íris", exibidas em diversas cidades do Brasil. Informações disponíveis em <http://almazem.art.br/>.

papagaio-de-cara-roxa⁴ (2012), para falarmos sobre o projeto estético e a proposta de Adélia Maria Woellner dirigida aos seus leitores.

A relação entre a arte e a imaginação criadora no período da infância tem merecido a atenção de Adélia Maria Woellner. A história do livro *A menina que morava no arco-íris* apresenta em sua temática de forte apelo à proteção do planeta, expressiva preocupação com a formação de um ser humano melhor, com o cuidado de fazê-lo pela poesia e pelo imaginário, considerando-se a importância de falar às crianças e aos jovens de valores caros à contemporaneidade, sem cair na fala autoritária do adulto. A personagem Fêri-Fêri é uma menina “muito especial, que mora numa casa também especial. Um dia imaginou a casa dos seus sonhos” (WOELLNER, 2007, p.6).

A personagem é um ser encantado, meio menina, meio fada, meio anjo, um ser de outro planeta, mas também um ser da terra. Fêri-Fêri observa com tristeza a destruição do planeta Terra e convoca seu amigo Serluz para levá-la até a Terra. Serluz é seu professor e Fêri-Fêri confia plenamente nele.

De sua bolsinha mágica, retira uma enorme
agulha de ouro. Coloca um fio longo,
brilhante, como se fosse feito de luz e

⁴ História fundamentada em pesquisa científica realizada pelo Projeto de conservação do papagaio-de-cara-roxa, executado pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS). Parte dos exemplares do livro *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa* foi doada para a Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS), a fim de contribuir com o Projeto de conservação do papagaio-de-cara-roxa. O livro tem a Coordenação Geral de Elenise Angelotti Bastos Sipinski. Concepção do Projeto por Christoph P. Hrdina e Kitty Harvill. Autoria da história, Adélia Maria Woellner. Ilustrações de Kitty Harvill. Fotografias de Zigh Koch. Consultor científico, Elenise Angelotti Bastos Sipinski. Consultores de campo, Alescar Vicente Cassilha e Antônio da Luz dos Santos. Revisão em Português, Neumar Carta Winter. Impressão, Gráfica Capital. Patrocínio, Ecovia. Apoio da Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS) e Nexo Design. [Fonte: página de apresentação e ficha catalográfica do livro *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa* (2012)].

começa a remendar as pontas soltas, rasgadas,
dilaceradas.

E vai, assim, consertando a roupa da Terra
aos poucos, com paciência e capricho.
Muitas vezes, nem bem consegue costurar um
pedaço, outros estouros rasgam, de novo,
a roupa da Terra.

Fêri-Fêri olha entretecida, porém torna a
refazer a costura. (WOELLNER, 2007, p. 22)

A partir deste começo, o leitor é convidado a viajar com Fêri-Fêri por diversos lugares e a refletir sobre os prejuízos causados à Terra e sobre os sentimentos das pessoas.

Agora, estando mais perto
das pessoas, Fêri-Fêri pode
perceber que violência também
existe nos sentimentos das pessoas,
provocando grandes estragos.

Alguns sentem muita raiva, outras são
sacudidas pela inveja, outras mais têm seus
pensamentos presos apenas em obter riquezas,
sem se importarem com as necessidades de tantas outras
pessoas, que sofrem ao seu lado

[...] Fêri-Fêri descobre,
Também, que a Terra chora [...]. (WOELLNER, 2007, p. 25, 27)

A narrativa segue, assim, em sua tonalidade poética falando de acontecimentos reais, a exemplo de imagens de rios e ar poluídos, matas e animais destruídos. “Sente compaixão pelas pessoas, por não perceberem que estão deixando a Terra doente, que a Terra é a grande casa de todos [...]” (WOELLNER, 2007, p. 27).

A personagem resolve ficar, então, mais tempo na Terra e ao recordar dos ensinamentos de Serluz, estende as mãos iluminando as pessoas e clareando-lhes a compreensão e a consciência sobre seus atos. O nome da personagem Serluz e o gesto das mãos abertas a

expandir luz sobre a humanidade na terra remete ao simbolismo do retorno da criatura ao criador, do caos ao renascimento transformador operado pela generosidade da natureza que se restaura. Serluz é a imagem da proteção e da sabedoria.

A princípio, pode parecer que o texto apela para uma visão redentora e reducionista diante dos problemas do planeta na contemporaneidade, contudo, ele não deixa de mostrar de forma crítica e reflexiva as relações de poder e desvios de caráter do humano em relação ao outro e a falta de consciência com relação ao meio ambiente. Destaque para as ilustrações belíssimas, sugerindo movimentos, passagem do tempo, mudança de espaço e das estações, deslocando-se do interior das páginas do livro para a capa, onde o leitor é surpreendido com um poema de Adélia Maria Woellner, que por meio da intratextualidade temática dialoga com a história contada e com a obra poética da autora, sugerindo novas leituras. Imagem e texto conduzem o leitor à poesia do real e do maravilhoso da natureza.

Vygotsky (1987, p. 116) observa que a dicotomia entre fantasia e realidade própria do senso comum mostra-se infrutífera, uma vez que a fantasia como resultado do exercício a partir da imaginação criadora não significa fuga da realidade. Ao contrário, no campo das manifestações artísticas, revela um modo qualitativamente diferenciado de se penetrar no real.

O poder da palavra literária no texto de Adélia Maria Woellner encontra ressonâncias nas imagens pictóricas e no colorido que se anuncia a cada página de texto, a exemplo do livro *A menina do vestido de fitas*, que mais que narrar uma história, convida a criança a interagir, a pintar e a continuar a aventura do livro. A temática, agora é do frescor da infância, da aventura da criança que descobre a natureza. A poesia está na descoberta das cores, das fitas que se transformam e ganham vida no sonho, na brincadeira, na criatividade, mas, sobretudo, mostra ao leitor que a alegria é simples.

Igualmente a leitura da história não termina na última página. Ao fechar o livro, um poema na capa espera do leitor.

Bebi
da água límpida,
pura
do poço
cavado no barranco,
paredes bordadas
com verdes e macias avencas.

O frescor
da infância,
enfeitada de arco-íris,
dança em minha alma
e me ensina
a viver melhor. (WOELLNER, 2009, capa)

O poema remete-se à história do livro *A menina do vestido de fitas*, ao tema da alegria da descoberta, das possibilidades criativas, da natureza e suas cores. O frescor da infância brinca em sua alma e lhe ajuda a ser feliz. Existe uma criança que brinca, descobre, cria, pinta e sonha. A proposta do livro instiga a criança na percepção das ilustrações por diversos ângulos, além de proporcionar uma interpretação que pode ajudar no crescimento e na transformação de si mesma e do mundo que a cerca. A prática do desenho e da pintura interativa na história dos livros infanto-juvenis pode despertar e promover a aprendizagem, por estar diretamente relacionada ao desenvolvimento da criança, de sua imaginação e criatividade, além da formação leitora.

O tema do desenvolvimento de uma consciência de cuidado com o meio ambiente do olhar para a natureza aparece no livro *A água que mudou de nome*. A ação de personagens crianças que influenciam boas práticas nos adultos ou os convocam a tomar

decisões políticas sobre fenômenos sociais do cotidiano é recorrente na literatura infanto-juvenil de Adélia Maria Woellner.

A escolha dos temas, relativos ao cuidado com o planeta, trabalhados pela autora, remete às reflexões de Compagnon (2009, p. 56), “o exército jamais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devir”.

As personagens crianças Marcela, Rafael e Gabriel têm como missão transformar a consciência dos adultos mostrando-lhes que é possível a recuperação dos rios e lagos por meio de ações coletivas.

Quando ouviu uma vizinha xingar
o rio de ‘valetão’, dizendo que o rio fede,
Gabriel não aguentou e falou bem alto:
– *Atenção, gente! O rio não faz cocô!*
Nessa hora, foi um silêncio total!
Depois disso, os moradores entenderam que esgoto se joga no
esgoto: não pode ir para a valeta, nem para o bueiro, nem para
o lago, para o rio ou para o mar. (WOELLNER, 2013, p. 15)

O texto faz um apelo à conscientização dos adultos sobre a responsabilidade de cuidar da vida na terra, do lugar em seu entorno. Tal como nas outras obras, o leitor encontra, ao fechar o livro, um poema à sua espera.

E o rio precisou chegar
na areia do oceano
para compreender
que, sendo rio,
também seria mar.
Deixou-se abraçar.

Afinal e para sempre,
o rio
se fez feliz ...

[...]
Debruço-me
sobre as águas...
mergulho no céu. (WOELLNER, 2013, capa)

O mesmo valor encontrado na lírica de Adélia Maria Woellner desvela-se na prosa literária. Lá e cá se encontra o elemento lúdico no fazer poético, a emoção do jogo das palavras, a aventura do ritmo, o revelar, esconder simbólico das imagens explorado com palavras. Contudo, se a lírica tematiza o tempo memorialístico, tal como o estudo desenvolvido por Clarice Braatz Schmidt Neukirchen, no livro *Tempo e memória na lírica de Adélia Maria Woellner* (2011) mostra, a prosa infanto-juvenil tematiza os conflitos do tempo presente.

Para Adélia Maria Woellner, a literatura, tanto para adultos, como para crianças, além do caráter lúdico e artístico tem uma função cognitiva e humanizadora, concepção que remete às reflexões de Antonio Candido (2004), quando este se refere à literatura como um direito e uma necessidade, ressaltando o seu caráter humanizador. “A fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2004, p.191). Sob tais aspectos – a produção literária infanto-juvenil de Adélia Maria Woellner, ao estetizar temas do cotidiano que levam o leitor a refletir sobre o mundo em seu entorno e como ele/leitor se relaciona com esse mundo – reafirma o que Candido chama de humanização:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180)

Nessa perspectiva, a literatura é reconhecida como essencial na formação do indivíduo nas diversas fases de seu desenvolvimento. O autor observa que a literatura é parte integrante da cultura e como tal deve ser pensada em relação ao humano e sua expressão. Essa reflexão aponta para se pensar sobre o papel do escritor na sociedade e sobre a relação do escritor com seus leitores, mediada pela obra, aspecto relevante no trabalho criativo e intelectual que se apresenta nos livros infanto-juvenis da escritora paranaense, a exemplo do livro *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa*.

O livro está articulado ao Projeto de Conservação do papagaio-de-cara-roxa, desenvolvido pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS)⁵. Destaca-se que mesmo tematizando um assunto de pesquisa científica, a autora consegue conferir à narrativa um caráter altamente poético, que se efetiva na dimensão simbólica e mítica da história do papagaio-de-cara-roxa, como se observa no início da narrativa iluminada pela belíssima ilustração do texto.

A luz do sol acorda a floresta.
As árvores balançam os galhos, felizes com o novo dia.
Dona Caroxa estica as asas. Foi uma noite tranquila.
Nenhum animal veio perturbar o seu sono.
(WOELLNER, 2012, p. 4-5)

⁵ O Projeto de conservação do papagaio-de-cara-roxa é desenvolvido, desde 1998, pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS). O projeto realiza pesquisa e monitoramento das populações de papagaios, e é responsável pela construção e instalação de ninhos artificiais, com o propósito de facilitar a reprodução da espécie, e de incentivo ao Ecoturismo, além do combate ao tráfico e à caça ilegal de animais. São ações interligadas que têm a finalidade de proteger o papagaio-de-cara-roxa e seu habitat (WOELLNER, 2012, p. 46).

A diagramação do texto acompanha a ilustração que abre as primeiras páginas do livro, as palavras se movimentam, sugerem o balanço dos galhos em que a ave bate as asas no seu despertar. A palavra poética aliada à imagem pictórica acompanha o contorno do sol nascendo por entre os galhos da floresta e o movimento do acordar dos pássaros na manhã iluminada. Simbolicamente “A luz do sol acorda a floresta” e dá início a uma história que pode ser a história do papagaio-de-cara-roxa, ave em extinção nas matas do sul do país, mas pode ser também a história de qualquer outra ave em extinção, em qualquer outro lugar do planeta.

A narrativa segue nesse movimento, contando o drama de Dona Caroxa e Seu Caroxo para encontrarem um lugar seguro para construírem um ninho para Dona Caroxa depositar seus ovos, ao final do ano, uma vez que o pé de guanandi foi cortado.

Dona Caroxa só tem uma preocupação: precisa de um ninho para os seus ovos.
Ela gosta mesmo é de guanandi, para fazer seu ninho.
E lá se vai ela, em busca da árvore.
Passa muito tempo voando, voando ... mas cortaram o pé de guanandi. Só ficou um pedaço do tronco.
Os guanandis estão desaparecendo, porque muitos homens gostam de usar sua madeira.
Cortam as árvores e não plantam outras no lugar.
(WOELLNER, 2012, p. 13)

A partir desta contextualização poética, sobre o corte da árvore preferida pela ave para construir seu ninho, sobre bichos predadores da floresta, sobre o desejo do homem em domesticar a ave, tem início uma segunda unidade narrativa, que, igualmente em tom poético, passa a narrar a ação dos protetores da ave em extinção.

Ora a narrativa está com o narrador da história, ora com Dona Caroxa, a mãe protetora, a explicar aos filhotes sobre aquelas pessoas

que estão cuidando deles, ora a narrativa faz ecoar uma voz coletiva sobre a preservação da ave e das florestas.

No final, é retirada uma penazinha do filhote, colocada num tubinho e levada para fazer um exame que as pessoas chamam de ‘genético’.

Quer dizer, exame para verificar as características da nossa espécie, papagaios-de-cara-roxa, e que passam de uma geração para outra. (WOELLNER, 2012, p. 37)

[...]

Dona Caroxa e Seu Caroxo, na porta do ninho, esticam o pescoço e soltam seu grito, como para agradecer o respeito e o carinho que têm recebido de todos. (WOELLNER, 2012, p. 41)

[...] é isso mesmo: lugar do papagaio-de-cara-roxa é na floresta... (WOELLNER, 2012, p. 43)

Assim, a narrativa chega ao seu final, com o mesmo tratamento poético inicial e o mesmo tratamento dado à diagramação do texto que sugere o voo livre da ave na floresta, com o grito a se ouvir: “... é na FLO-RES-TA!” (WOELLNER, 2012, p. 45). O grito remete ao sucesso do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores e demais envolvidos no Projeto, grito que ecoa por meio da palavra poética e das imagens que se juntam a uma memória social, que, por meio da literatura, ganha expressão.

As duas últimas páginas do livro trazem informações sobre a preservação do papagaio-de-cara-roxa, um mapa mostrando a área em que se encontram as aves no litoral do Estado do Paraná, fotografias, dados do projeto e indicações de sites para os leitores interessados em saber mais sobre as aves e a conservação da natureza. É interessante observar esse diálogo do texto ficcional com

os textos referenciais, apontando o tênue limite entre ficção e “realidade”, característica dos modos de narrar na contemporaneidade. Pode-se mesmo dizer que o mapa, as fotografias e as indicações dos sites ajudam a alimentar o imaginário construído pela narrativa poética, afinal, qual a criança que ao final de uma boa história não vira a capa para ver se ainda tem mais?

Acompanhando-se o movimento das vozes narradoras em *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa*, assiste-se a uma forma de mediação entre escritor, fenômeno social, criança, literatura e outros meios de se chegar ao conhecimento de forma instigante e prazerosa. Além da linguagem artística do texto, registram-se depoimentos, fotografias, mapas e notícias em meio digital sobre o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, desenvolvido desde 1998, pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (PPVS).

Aqui é importante lembrar o conhecido slogan do cineasta alemão Alexander Kluge⁶ que já nos anos 70, quando indagado sobre se ele desejava subverter o conceito de televisão como meio de documentação ou ficção por meio de seus programas culturais semanais “Notícias & Histórias”, responde que “Nada é mais apropriado para criar ficção do que a documentação” (KLUGE citado em SEABRA, 2015). Certamente, o cineasta explorava como as funções artísticas emergiam através do uso de meios tecnológicos e gêneros textuais diversos ao fundir universos do “real” e do ficcional.

⁶ “Alexander Kluge (nascido em 1932) é um dos mais importantes cineastas contemporâneos, e não só: indissociavelmente, na sua prolífera e proteiforme atividade, Kluge é um reconhecido ficcionista – de resto galardoado com os mais importantes prêmios literários alemães –, um ensaísta e teórico fundamental, uma figura ímpar de intelectual público, sobretudo na constante reflexão sobre a História e o presente [...]” (SEABRA, 2015). Disponível em: <http://www.culturgest.pt/arquivo/2015/12/alexander-kluge.html>. Acesso em: 10 dez. 2015.

Note-se que o texto *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa* é capaz de informar relativamente ao papel de um catálogo ou de um relatório do projeto de pesquisa, aliando à expressão literária, incentivo à sociabilidade e entretenimento. Necessário, acrescentar a qualidade da mediação exercida pelo livro à formação cultural de crianças e jovens.

Nesse sentido, Antoine Compagnon (2009), reflete sobre o poder de instruir deleitando, o combate à fragmentação da experiência e a possibilidade de ir além dos limites da linguagem comum, enfatizando que a literatura “dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (COMPAGNON, 2009, p.36).

Os dados apresentado no livro *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa* apontam, de um lado, para a formação de princípios éticos com relação ao meio ambiente, no que respeita a preocupação de entidades científicas e de pessoas imbuídas em cuidar do meio ambiente. De outro, para a ampliação do universo de interesse dos leitores, no que se refere à experiência do ato de ler e conhecer, tal como abordam Bordini e Aguiar.

O ato de ler é duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 26)

A leitura de ficção exerce grande importância na formação inicial do leitor e sem perder o caráter lúdico e o valor simbólico, pode conduzir à reflexão sobre os acontecimentos culturais e sociais do mundo ao entorno do leitor. Segundo Bordini e Aguiar (1993, p. 26), o leitor é duplamente gratificado quando executa o ato de ler. Ele pode acomodar-se, encontrando-se no texto, como pode deparar-se com o desconhecido e descobrir aí novas alternativas de ser e de estar no

mundo. Assim, segundo as autoras, a atividade literária pressupõe um fazer transformador e o aluno torna-se, também, agente dessa transformação. Cumpre-se, então, a função social da literatura, já que esta se concretiza mediante um horizonte de expectativas do leitor.

Observa-se que o tema atualizado em *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa* pode resultar em práticas de leitura em meio às quais são valorizadas a experiência e a formação de crianças e jovens na sociedade brasileira contemporânea à luz do exercício da memória social. Sem olvidar a atividade de narrar, como Mário Quintana, observa:

Há bens inalienáveis, há certos momentos que,
Ao contrário do que pensas,
Fazem parte de tua vida presente
E não do teu passado. E abrem-se no teu
Sorriso mesmo quando, deslembado deles,
Estiveres sorrindo a outras coisas,
Ah, nem queiras saber o quanto
Deves à ingrata criatura...
A thing of beauty is a joy for ever
Disse, há cento e muitos anos, um poeta
Inglês que não conseguiu morrer. (QUINTANA, 1999, p. 101)

De que palavras ou metáforas se valerá a literatura para fazer pensar sobre o mundo presente? Quais diálogos são sugeridos pela palavra literária em um texto?

Para Bakhtin (1988, p. 104), a “palavra literária” integra dialogicamente o processo da vida social na vida do leitor e do escritor. Conforme o teórico, a palavra literária não se congela num ponto, num sentido fixo; ao contrário, constitui um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo entre diversas escrituras: a do escritor, do destinatário, ou do personagem, do contexto atual ou anterior. O texto situa-se na história e na sociedade, que por sua vez, também compõe textos que o escritor lê e nos quais se insere ao reescrevê-los. O escritor participa da história mediante a transgressão

dessa abstração, por meio da escritura-leitura; em outras palavras, da prática de uma estrutura significativa em razão de, ou em oposição a uma outra estrutura.

A escrita de Adélia Maria Woellner retira o dado referencial da vida social e o transporta para plano literário de modo sensível e imagético, fazendo fluir no imaginário do leitor diferentes modos de olhar para o cotidiano, no sentido de renovar valores, gestos, no sentido de redirecionar o olhar do leitor para a função cultural da leitura como veículo de conscientização social e fonte de prazer estético. Nessa escrita, sentidos de ética e estética reencontram espaços privilegiados com o intuito primordial de gerar uma sociedade mais justa e mesmo mais fraterna, a norma que deve ser seguida é a da troca de experiências produtivas em suas propostas e eficientes em suas aplicações, note-se o aspecto altamente positivo, por exemplo, da formação humana e a atualização de temas ligados ao meio ambiente e à preservação da vida no planeta.

Neste sentido, convém assinalar que as ideias interpretadas, a partir da história *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa* poderiam contribuir para a implementação de políticas públicas relacionadas aos cuidados com o meio ambiente, discussão que demanda pela atenção de formadores em diferentes contextos na contemporaneidade, ou mesmo, experimentar algumas possíveis respostas para as questões propostas para este debate.

Do conjunto da obra produzida para a literatura infanto-juvenil, não menos poético e lúdico estão *Férias no sítio* (2002), este esgotado, e *Festa na cozinha – bom apetite* (2011).

Em *Festa na cozinha – bom apetite*, encontra-se uma proposta de reversão ao modismo dos *fast foods*, da alimentação industrializada e com o mesmo sabor. O livro é um verdadeiro apelo aos sentidos e ao imaginário, trata da “arte de se fazer dias verdadeiramente deliciosos!” (WOELLNER, 2011, p. 3). O lugar da diversão é na cozinha, espaço mágico e alquímico de transformação

dos alimentos em saúde e diversão. A natureza, mais uma vez, é descrita em toda sua generosidade e a fertilidade da terra é exaltada como uma grande mãe. O texto, conduzido por uma ilustração primorosa que sugere recortes e colagens, mescla poemas, prosa, cantigas, versos populares, receitas, conversas e dicas de refeições saudáveis, sugerindo que os leitores devem se “alimentar de refeições saudáveis e de textos legais” (WOELLNER, 2011, p. 36). Ao final da história, aparecem, na cena da escritura, a contadora e a ilustradora. Adélia Maria Woellner finaliza:

A criança que ainda vive em mim (apesar dos meus 71 anos) me leva a juntar dois mundos: o real e o onírico, numa viagem sem fronteiras. E a poesia é o veículo que me faz penetrar, de forma lúdica nos sonhos coloridos e enfeitados de magia. A poesia mora em mim desde de bem pequena [...]. (WOELLNER, 2011, p. 36)

O desejo de poesia se realiza em um projeto bem sucedido de histórias para adultos e para crianças. A poesia plena de sugestões plásticas e musicais, tal como descreveu Helena Kolody em 1990, ao apresentar o livro *Avesso meu...*, de Adélia Maria Woellner, contém a gênese da prosa poética presente nas páginas de seus livros infanto-juvenis. Os temas da urgência da vida e da preservação da vida no planeta são tratados de forma poética em Adélia Maria Woellner, não se encontra em sua narrativa, qualquer espécie de descrição, de tratamento da natureza pela natureza, do rio pelo rio, da ave pela ave. Seja qual for a circunstância, percebe-se sempre um sentido subjacente, uma conotação instauradora de imagem. Nesta incursão por sua obra infanto-juvenil, acompanhamos a composição de uma textualização poética que desloca os modelos clássicos do gênero. Dos artificiais enfrentamentos entre natureza e civilização, vai-se para a perspectiva de que essas duas instâncias estão naturalmente ligadas. Assim, o elemento humano pode ser apreendido em sua estruturalidade e funcionalidade ecológicas no grau mais profundo.

Desta forma, estas narrativas cumprem um de seus mais importantes papéis que é, além daquele de fruição estética, o de nos apresentar as demandas e engrenagens sociais que nos perfazem como sujeitos nos movendo entre lugares e não lugares, em constantes mudanças, contudo, atentos à poética do entorno.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Huicitec, 1988.
- BARROS, M. *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no pantanal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. *A formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- QUINTANA, M. *Antologia poética*. Porto Alegre: L7PM, 1999.
- NEUKIRCHEN, C. B. S. *Tempo e memória na lírica de Adélia Maria Woellner*. Curitiba: Instituto Memória, 2011.
- SEABRA, A. M. Alexander Kluge, cineasta da Alemanha, cronista da História. Disponível em: <http://www.culturgest.pt/arquivo/2015/12/alexander-kluge.html>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- TEIXEIRA, N. C. R. *Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: Cenas Paranaenses*. Guarapuava: Editora Universitária, 2007.
- VYGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte em la infancia*. Cidade do México: Ediciones y distribuciones Hispánicas, 1987.

WOELLNER, A. M. *Avesso meu....*. Curitiba: Editor por Banestado, 1990.

_____. *Férias no sítio*. Ilustrações de Raphael Furtado Casagrande. Curitiba: Edição do autor, 2002.

_____. *A menina que morava no arco-íris*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2007.

_____. *A menina do vestido de fitas*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2009. [2ª tiragem pela nova ortografia, Curitiba: Edição do autor, 2012].

_____. *A água que mudou de nome*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2009. [5ª edição, Curitiba: Edição do autor, 2013].

_____. *Festa na cozinha – bom apetite*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2011.

_____. *Vida livre: A história do papagaio-de-cara-roxa*. Ilustrações de Kity Harvill, 2012.

_____. *A casa de cristal*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2012. Coleção Tagarela.

_____. *A menina do pastoreio*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2012. Coleção Tagarela.

_____. *A natureza das coisas*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2012. Coleção Tagarela.

_____. *No céu e no mar*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2012. Coleção Tagarela.

_____. *O reino das águas azuis*. Ilustrações de Heliana Grudzien. Curitiba: Edição do autor, 2012. Coleção Tagarela.

_____. *Tempo de escolhas*. Curitiba: Edição do autor, 2013.